

Das praias à cadeia no Rio de Janeiro

Divulgação



Rodger Klingler ficou preso no Brasil durante quatro anos e transformou história em livro

POR MARINA YAKABE

A história do alemão Rodger Klingler no Brasil começou como muitas. Ele via notícias sobre as praias e o Carnaval e sempre teve curiosidade de conhecer o Rio. Quando acabou o colégio, tinha juntado dinheiro e resolveu vir.

Aquele quase inevitável encanto pelas mulheres e pelas paisagens tomou conta de Klingler. Mas sua história ganhou outros contornos — com pitadas de filmes como “Meu Nome Não É Johnny”, como

ele mesmo diz, e “O Expresso da Meia-Noite” — quando ficou fascinado também pelo universo do crime carioca e pela cocaína. Logo se tornou usuário frequente e achou que poderia se dar bem vendendo a droga em seu país, mas foi pego no aeroporto do Galeão, no Rio, e ficou quatro anos preso no Brasil.

Vinte anos depois, ele, hoje aos 45, traz à tona essa dura trajetória em “Memórias do Submundo” (ed. BestSeller, R\$ 29,90), sem pudor para relatar incontáveis abusos da polícia, maus-tratos sofridos

Divulgação



JUVENTUDE NO BRASIL - Acima, Klingler em uma de suas viagens para o Rio, em 1984

Trecho do livro

“Levaram-me para fora da sala, para uma cela que trancaram atrás de mim, abandonado aos meus pensamentos. Somente então tomei consciência de que me encontrava numa situação extremamente difícil. Havia muito tempo que o meu avião partira sem mim e, a essa altura, deveria estar sobre o Atlântico, a caminho de Frankfurt.

Duas semanas antes eu havia saído do frio úmido da Alemanha para viajar para o Brasil. Com a firme determinação de comprar um quilo de cocaína para contrabandear-lo de volta para a Alemanha. Anteriormente, já havia estado duas vezes no Rio de Janeiro. A primeira vez, aos 18 anos, e depois mais uma vez, aos 19. Desde que me conhecia por gente, havia sonhado com o Rio de Janeiro. Em casa, eu tinha vários livros sobre o Brasil, havia absorvido tudo o que havia para ler sobre este país, acompanhava reportagens televisivas e assistia aos documentários sobre o Carnaval. Copacabana, o Pão de Açúcar, as praias maravilhosas, a cachaça e as garotas mais bonitas do mundo. Tudo isso havia me atraído como um ímã”

dos pelos detentos e até suas experiências sexuais neste período. No livro ele ainda registra momentos de humilhações, as amizades que fez, as regras de convivência nas cadeias e a vantagem de ter aprendido rapidamente o português, o que lhe ajudou a ser logo respeitado pelos outros detentos. Não faltam histórias pesadas, mas intercaladas, na medida do possível, com observações bem-humoradas do cotidiano e um texto que vai sempre direto ao ponto. “Eu ainda deixei muita coisa de fora porque achei muito pesado para o leitor. Como escritor, quero divertir. Reviver todas essas histórias foi bom, tentei deixar a emoção de fora”, conta Klingler.

A ideia do livro nasceu de uma promessa feita a um professor, e ele foi escrito de-

pois de o alemão cumprir pena e voltar a seu país, em 1989. Lá, lembra, na primeira semana, não falava alemão. Mas, assim como não teve dificuldades para se adaptar à rotina no Brasil, Klingler logo retomou a vida no país europeu. Hoje, casado, vive em Ingolstadt, na Alemanha, tem uma filha e trabalha em uma escola ajudando na adaptação de jovens estrangeiros. Roteiros de filmes são sua paixão. “Memórias do Submundo”, inclusive, tornou-se um. Falta um diretor. “Encaminhei o livro para o José Padilha [de ‘Tropa de Elite’] porque acho que tem tudo a ver. Espero que esteja lendo”, diz, seu objetivo é chamar a atenção para o sistema carcerário brasileiro. “É desumano. Os presos estão esquecidos.”